

Renato Suttana

O portão

o arquivo de
Renato Suttana

http://www.arquivors.com/renato_oportao.pdf

2010

A distribuição deste livro é gratuita e se destina ao uso privado. A obra escrita nele contida não poderá ser adulterada ou reproduzida, no todo ou em parte, para quaisquer fins que não o especificado, sem o prévio consentimento de seu autor.

e-mail para contato:
rsuttana@arquivors.com

Copyright © Renato Suttana, 2010

*Quase esquecido, já, de ter de me cumprir,
Oco de tudo, é que eu, feliz, vivia.
(José Régio)*

Sumário

Há tantos dias.....	5
Ensina-me.....	6
O dia me alimenta.....	7
Gesto.....	8
Esperar que o silêncio.....	9
Cor.....	10
Ferida.....	11
O portão.....	12
Resíduo.....	13
O construtor.....	14
Gaia ciência.....	15
Agora.....	16
Forma.....	17
Aventura.....	18
Contabilista.....	19
Estabilidade.....	20

Há tantos dias

Tenho estado perdido há tantos dias,
há tantos séculos da criação,
que encontrar uma saída ou solução
pertence ao círculo das fantasias.

Tenho andado entre pugnas e porfias,
sem ideia de norte ou direção,
perseguindo a verdade do que não,
do que é só fuga entre as horas vazias.

Quando uma nova aurora se confirma,
apregoando o valor de outro começo,
meu sentido do esforço não se afirma:

demora-se na chama da pergunta,
mirando as ruínas do que o tempo junta,
no inútil jogo do alvo e do arremesso.

Ensina-me

Ensina-me a viver no dia vário,
todo entregue à vertigem que há no vento
e às aventuras lúcidas do intento,
que me lançam num voo extraordinário.

Ensina-me a *poder*, retardatário,
e a estar à altura do ar e do momento,
sujeito às flutuações do movimento
e às armadilhas mil do calendário.

Dá-me o gosto fatal da acrobacia
que me insufla o desejo do inconstante,
onde eu de abismo e cor me perderia.

Ensina-me a *querer* na luz do instante,
e a saltar os degraus de dois em dois,
e a suportar o tédio de depois.

O dia me alimenta

O dia me alimenta de paisagens,
indiferente à minha distração:
sem perguntar se vou, se quero ou não,
se me convém o teatro das imagens.

Alimenta-me à flor da imperfeição,
onde desisto de asas e miragens
(perdido no exercício das sondagens),
de qualquer coisa que os sentidos dão,

mas não pertence ao circo do que invento,
encalhado no atol do pensamento,
para o consumo impróprio da quimera.

Aos meus olhos indica uma maneira
e uma cor mais completa e verdadeira,
com valor de começo e primavera.

Gesto

Para ser, para haver, para existir,
para dar ao teu dia uma resposta
que seja verdadeira e não suposta
e contenha a razão de persistir;

para não ser assim, a transigir
ao peso da evidência, sempre imposta,
como um naufrago em dúvida, obscura costa,
a cujo dente teima em resistir;

seria necessário ao teu empenho
outro dia, talvez, outro horizonte,
outro fervor ou luz no teu engenho –

e que fosses melhor que o próprio gesto
com que, fingindo, ensaias um protesto
contra o ermo sol que sobre ti desponte.

Esperar que o silêncio

Esperar que o silêncio, acontecendo
indiferentemente ao teu valor,
te diga uma palavra cujo ardor
vá no teu grito pobre amanhecendo,

vá sobre o teu desejo suspendendo
um toldo azul de argúcia e de calor,
que, abrindo-se na luz como uma flor,
seja o que vens tramando e pretendendo.

Esperar que o silêncio se desfaça
como um torrão de areia à orla do mar
ou como em pleno vento uma fumaça:

e dele saia o que andas a buscar –
dito por uma boca de segredo
que bem sabe o *porquê* do teu degredo.

Cor

Uma cor excelente me oferece
maio, que entanto há pouco era chuvoso:
me incita à persistência, me embelece,
faz progredir em mim um sol radioso;

cresce em luz e manhã no arco moroso
da vontade, que aos poucos se embrutece,
dando um sentido novo, rigoroso,
ao perdido fervor da minha prece.

Um tom de recomeço, obscurecido
pela chuva de outrora e pelo vento,
se afirma, num desvão do pensamento:

sugere-me agudeza, asa e distância,
bem como a gentil pista de uma infância
que nunca floresceu no meu gemido.

Ferida

De ter assim falhado, quando o dia
era de sol e fogo e tentativa,
fica em mim a lembrança (agora fria),
boiando à superfície, em vã deriva.

Fica o pressentimento, que se aviva,
de que tudo me empece e me desvia,
forçando-me a depor, de alma cativa,
minha ambição do prêmio que se adia.

Do que floriu à sombra e definhou
entre as arestas do ar e do despeito,
fica um ressaibo à margem do que sou,

latejando em silêncio, obscuramente,
como uma velha urgência no meu peito –
uma ferida de que sou descrente.

O portão

Não menos que um milhão de pensamentos
parecem espreitar na noite escura,
formando um círculo de conjetura
ao redor do que são razões e ventos.

Sem perspectiva de alvo ou estrutura,
demoro-me, profundo, entre os momentos,
a edificar castelos de argumentos,
com a água a me bater já na cintura.

Quando a manhã deserta se anuncia,
descubro – derrotado – que o meu gesto
nada cresceu à sombra, mais vazia:

e que ser *eu* de nada me serviu
na guerra contra o escuro, que detesto,
tal como algum portão que não se abriu.

Resíduo

Como um resíduo seco, desprezado,
que no fundo do acaso descobri,
vem a certeza de que estar aqui
não cumpre coisa alguma do mandado:

vem a noção de que fui convocado
por ordem de algum rei que nunca vi,
mas de que todo o esforço que empreendi
foi em vão, por ingênuo e equivocado.

Surgido de uma incerta profunda,
a flutuar sobre a sombra como uma ave,
vem afinal o pasmo, que perdura:

de compreender que, fiel à ordem dada,
me empenhei contra espectros, num enclave,
e que do andado só restou a estrada.

O construtor

Foi tão longo o trabalho de construir
uma ponte por cima do vazio
que separa o que almejo do que adio,
que já não sei se posso conduzir

meu cargueiro de sombras ao porvir,
se posso enfim, cortando o antigo fio
que me prende ao calor de um peço estio,
frutificar no outono de sorrir.

Foi tão longo o trabalho e tão completo,
absorvendo o meu sonho predileto,
num doido afã de truques por fazer

(cumprindo o que no início era saber),
que o tempo de uma vida se esgotou
e o construtor de pontes não passou.

Gaia ciência

A ciência do não ser rapta o meu ouro
e me deixa sozinho na estação,
a suportar o peso do verão
na fímbria do sentido onde laboro.

Acrescentando um dado ao meu tesouro
(que bem sei não terá continuação),
seu sopro vem somar-se à viração,
como um tipo qualquer de mau agouro.

Eu, então, percebendo o que ela traz
e o nada que acrescenta à estranha paz
em que aos poucos me afundo, inadvertido,

ponho-a de lado e observo a tarde real,
nova e plena de um brilho inaugural
que o pensamento sofre, comovido.

Agora

Agora que o teu salto formidável,
que o teu golpe mais fino e bem urdido
fracassou finalmente, desmentido
pelo alfanje do tempo insubornável;

agora que o teu plano mais estável
de chegar a algum porto, encarecido,
se mostrou improfícuo, conduzido
por mão de principiante, incerta e inábil;

agora que o teu jarro se quebrou
à plena luz do incêndio, insuficiente,
e que o teu grito enorme se calou –

resta-te ver que o sol não te desmente,
que estar em casa é estar ao desamparo
no dia que afinal se tornou claro.

Forma

Já não quero formar nem imprimir
ao material inerte do possível
um perfil excelente, discernível,
que o tempo vem propor ou sugerir:

não quero impor ao lento conseguir
um formato qualquer, claro e exprimível,
que justifique o tédio do desnível
no sonho do que alcanço repelir.

Quero, antes, o desprezo e a infinitude
do que, de indefinido, não ilude
meu anseio de espaço e de contorno:

seu recorte sonhado, sua luz,
sua clareza vã que me seduz,
iluminando a vida, sem adorno.

Aventura

É somente aventura, tentativa,
veleidade a que o tédio nos incita,
salto mortal na noite que medita
a verdade do sono, injusta e esquiva,

o improvável pensar que nos concita
à palavra, tão breve e fugitiva,
e que, por menos nossa e mais esquiva,
a transforma em medida, em coisa dita?

É somente uma aposta do silêncio
que, repleto de si, no escuro imenso,
busca o reflexo do erro em que renasce?

Ou algo mais da sombra ou mesmo do ar
que vem em nossa boca se inflamar,
como se o próprio inverno o convocasse?

Contabilista

De espasmos, de quimeras, de intenções,
de fantasias que não se firmaram
à flor do tempo e aos poucos naufragaram,
vencidas pelas chuvas e monções;

de valentes impulsos e visões
que em metas duvidosas apostaram
e no fim, como torres, desabaram,
antes mesmo de virem os tufões –

de tudo o que é passível de destroço
meu pensamento ocupa-se na tarde,
como bandeira vil do que não posso:

como contabilista do possível
que nunca se convence do incabível
e perscruta a semente que ele guarde.

Estabilidade

Farto de andar perdido no estrangeiro
e de sofrer o cerco da ansiedade
(que não contém sentido nem verdade),
tento mudar de rumo e de roteiro;

tento fazer do impulso passageiro
(sem qualquer pretensão de autoridade)
um compromisso de estabilidade
que me torna mais sóbrio e mais certo.

Convertendo os refluxos da inconstância
e da velha indignação em que patino
numa forma qualquer de relutância,

tento dar ao meu rosto uma feição
e ao meu gesto firmeza e explicação
onde o vento é caminho e o sol destino.